

Os 100 Argumentos mais Importantes da Filosofia Ocidental

Michael Bruce & Steven Barbone

HPMJ – Jul/2014

1. As 5 Vias de Aquino

a. O Argumento derivado do Movimento

Movimento (Aristotélico) → Mudança de Lugar
→ Mudança em Qualidade
→ Mudança em Quantidade

- ✓ Nada tem a capacidade de mudar a si mesmo sozinha – Teria que ser Potência e Atualidade.
- ✓ Qualquer coisa “Mudada” é mudada por outra coisa.
- ✓ Tudo é movido por algo anterior, móvel ou não.
- ✓ Retrocedendo *Ad Infinitum* chegaremos ao início do ciclo onde aquele que muda não é mudado por ninguém, posto que é o 1º da série de mudanças. Este “Ser” é imutável. Este “Ser” é Deus. Só Deus é atualmente e virtualmente → Potência e Ação (Ato).
- ✓ A madeira (que é potência em calor) vira fogo em ação do raio, e passa a ser ato calor, não mais potência.
- ✓ Só deus é Potência e Ato ao mesmo tempo.
- ✓ Se o calor retroagisse ao infinito, não haveria um primeiro movedor, logo, nenhum dos seguintes se moveria.
- ✓ Logo tem que haver um primeiro movedor, que não seria movido por nada. Isto é Deus.

b. O Argumento derivado da causação – Séries Ordenadas de Causação Eficiente.

- ✓ Uma Causa Eficiente é aquela que produz alguma coisa ou alteração em alguma coisa.
- ✓ Numa série ordenada de causas eficientes, há que haver uma causa primeira, mais uma vez não podendo retroceder ao infinito, porque não há nada que seja causa de si mesma.
- ✓ No entanto, se há uma 1ª causa, esta é causa e efeito de si mesma. Logo é Deus.
- ✓ Se a primeira causa não existe, nada pra frente existiria e o resultado seria nulo.
- ✓ Se retrocedermos ao infinito, não haverá 1ª causa, logo, não haverá nada, pois não existirão coisas causadas por outras.
- ✓ Logo, podemos supor uma primeira causa eficiente → DEUS.

c. O Argumento derivado da Possibilidade e da Necessidade

- ✓ Para Aquino, uma coisa é necessária se não é sujeita à geração ou corrupção.
- ✓ Há no mundo coisas que podem existir ou não existir, pois podem ser geradas ou corrompidas.
- ✓ Mas é impossível que tudo seja assim, pois o que não pode existir é tal que, em algum momento, não existe.
- ✓ Logo, se tudo no mundo fosse assim, existiria o momento em que nada existiria.
- ✓ Mas se isso é verdade, nada se criaria deste nada, e nada existiria até neste momento, pois o que não existe só começa a existir através de algo, que existe.
- ✓ Ou seja, nem tudo pode existir ou não existir, antes tem que haver algo imutável, que só exista, alguma coisa “Necessária” Esta coisa seria DEUS.
- ✓ Da mesma forma que “As Causas Eficientes”, todo Ser Necessário tem fora de si (ou não) uma causa de sua necessidade, mas não podemos retroceder ao infinito.
- ✓ Deste modo, temos que admitir que no início de tudo há um Ser Necessário por si só. Não sujeito à geração ou corrupção → Deus.

d. O Argumento derivado da Gradação

- ✓ No mundo, tudo é mais ou menos alguma coisa (Boas, ruins, nobres, quentes, frias etc).

- ✓ Se há uma gradação, há, sob certo aspecto, o máximo da geração, senão tais grandezas tenderiam ao infinito.
- ✓ Ou seja, uma coisa é mais quente que outra. Se mais se aproxima daquilo que é maximamente quente, que a outra. Portanto, para toda gradação possível, existirá sempre uma gradação máxima.
- ✓ O resultado de todas as gradações máximas é um Ser Máximo, uma vez que todas as coisas maximamente verdadeiras são maximamente Seres.
- ✓ Como dito anteriormente, aquilo que é máximo em algo, é a fonte de todos os que estão abaixo na gradação. Por exemplo, o fogo é a causa de todas as coisas quentes.
- ✓ Assim, há alguma coisa que é, para todos os outros Seres, o Ser Máximo (Em Bondade, em Perfeição etc). Isto seria Deus.

e. **O Argumento derivado da Governança**

- ✓ Segundo Aquino, se as coisas agem sempre ou quase sempre com um determinado fim, chegar ao melhor, isso seria evidência de que são dirigidas para esse fim por um agente inteligente.
- ✓ A Natureza é dirigida por agente inteligente, pois nele, as coisas agem, quase sempre, com um determinado fim (Isto não requer intencionalidade). Por exemplo: o fogo age com o mesmo fim, pois queima pra cima sempre.
- ✓ A Seleção Natural não anula este argumento, pois o elétron sempre atrai cargas positivas, e isso não é por seleção natural, mesmo que sta também implique que os seres agem com um fim.. Ou seja, esta mesmice para buscar o melhor é por desígnio e não por acaso, dito para as coisas sem cognição.
- ✓ As coisas sem cognição buscam um fim só se forem dirigidas por algo que tenha cognição e inteligência. A isto chamamos Deus, Diretor das Coisas Irracionais.

2. O Argumento da Contingência Cosmológica

Cosmos → Ser Necessário → Deus
 PRS → Princípio da razão Suficiente

- ✓ Para cada Ser que existe ou existiu, há um fato (positivo) que o acarreta → Há uma explicação e motivo de sua existência.
- ✓ Para cada fato positivo há também uma razão.
- ✓ Todo Ser é dependente (causados por outras coisas) ou auto existente – existe por si próprio.
- ✓ Se assumirmos que nem todo Ser é dependente, seria porque existiria um Ser auto existente.
- ✓ Tem de haver um Ser auto existente, sendo, a partir daí, todos os Seres dependentes.
- ✓ Este Ser auto existente seria Deus.

3. O Argumento Kalam para a Existência de Deus

Kalam → Tradição da Teologia Muçulmana Medieval

- ✓ Tudo o que começa a existir tem uma causa, como o universo existe, tem uma causa. O Universo tem uma causa

4. O Argumento Ontológico

Ontológico → Argumento que tenta provar a existência de Deus com base na existência de deus, recorrendo apenas a natureza ou essência do Ser de deus.

- ✓ **Definição:** Deus é aquele do qual nada maior pode ser pensado.
- ✓ Existir realmente é diferente de existir em pensamento.
- ✓ Uma coisa tal que coisa maior não possa ser imaginada, tem que existir, pois se existisse só na mente, implica existir também na realidade, logo uma coisa maior, posto que seria pensada e real.
- ✓ Logo, uma coisa da qual nada maior possa ser imaginada é obrigatoriamente real, pois seria maior real que somente fosse pensada.
- ✓ Isto é Deus, uma coisa obrigatoriamente maior do que a maior coisa que se consiga pensar, posto que Deus existe no real.

5. O Argumento da Aposta de Pascal

Segundo Pascal, acreditar em Deus seria mais interessante e vantajoso que não se acreditar.

	Deus Cristão existe, e nenhum outro	Deus não existe, e nenhum outro
Acreditar em Deus	Ganho total, Perda pequena	Ganho zero, Perda zero
Não acreditar em Deus	Ganho zero, Perda total	Ganho zero, Perda zero

Falácias: a. Deus não recompensa o crente interesseiro
b. E se houver um outro Deus não Cristão ou Judaico que puniria Judeus e Cristãos?

6. O Argumento da Vontade de Crer, de James

- ✓ Manter a crença religiosa mesmo diante de evidências insuficientes.
- ✓ Ao contrário de Clifford que queria acreditar somente onde houvesse evidências.
- ✓ Ambos concordam que devemos acreditar somente nas verdades e evitar falsidades.
- ✓ Evidências insuficientes podem ou não conduzir à verdadeira crença, mas sem garantias. Há risco de ser levado à falsa crença, pois não se esperou evidências suficientes para crer.
- ✓ Assim como crer na cura do câncer, mesmo ainda sem evidências suficientes para tal. Se parar de crer, aí, com certeza, tais evidências não mais surgirão, caso existam.
- ✓ Ou seja, podemos crer em algo, mesmo sem ter evidências suficientes → Eis a **Vontade de Crer**.
- ✓ Ou seja, continuar acreditando, na esperança que tal evidência surgirá. A isto tem-se como racional, pois podemos acreditar antes mesmo de termos evidências suficientes para tal.
- ✓ **Nota minha:** não seria somente fé? Se não foi provado é porque não acreditou ainda pelo tempo necessário? Deste jeito, tudo existe, só que ainda não chegou a hora de ser provado. Espere um pouco mais.

7. Teodicéia: O Problema do Mal

- ✓ Epicuro – Filósofo Grego – 341 – 270 A.C.
- ✓ Tentar conciliar a existência do mal com o conceito de Deus Onipotente, Onisciente, Onibenevolente e Moralmente Perfeito.

DEUS	Pode acabar com o mal	Não pode acabar com o mal
Quer acabar com o mal	Então pq o mal ainda existe?	Deus não seria onipotente
Não quer acabar com o mal	Deus não seria onibenevolente	Então, porquê chamá-lo Deus?

8. A Defesa do Livre-Arbítrio para o Problema do Mal

- ✓ Deus permite o MAL para conseguir um bem maior, que não pode ser obtido sem isso ⇨ o Livre-Arbítrio.
- ✓ Aqui se busca a coerência da questão e não sua possibilidade ou verdade.
- ✓ No entanto, se se sabe o futuro, como pode haver o livre arbítrio, pois Ele já sabe nossas escolhas e resultados...
- ✓ Existe muito “mal” no mundo que não é criado por nós, mas pela natureza, logo, por Deus...

9. A Livre Escolha e o Poder de Pecar, Santo Anselmo.

- ✓ Liberdade de escolha é a característica de pecar e não pecar.
- ✓ Há uma falácia aqui: Pois como Deus e Anjos não erram, não tem Liberdade de Escolha.
- ✓ O Poder de Pecar não é nem liberdade nem uma parte da liberdade.
- ✓ Uma vontade que pode ou não pecar é livre? É mais livre que uma vontade que não pode pecar? Correto, segundo o Argumento de Sto Anselmo.

- ✓ Anselmo diz que a liberdade é a capacidade de iniciar as próprias ações e não a capacidade de escolher entre o bem e o mal.
- ✓ Para ser livre, nossas escolhas devem ter origem em nosso próprio Ser, e não em outros externos.
- ✓ Alguém que tem algo perfeito que não pode perdê-lo é mais livre que alguém que o tem e pode perdê-lo, e ser seduzido pelo que é inadequado e nocivo ⇒ Fator externo.
- ✓ Anselmo afirma que uma vontade que não tem capacidade de pecar é mais livre que uma que tem ⇒ não há interferência externa.
- ✓ Logo, uma coisa que diminui a liberdade da vontade quando é acrescentada à vontade, não pode ser a liberdade nem parte dela.
- ✓ Anselmo definia liberdade de escolha como “O poder de preservar a retidão da vontade em razão desta mesma retidão”.
- ✓ Uma vontade tem retidão quando quer o que deve querer, ou seja, o que Deus quer que ela queira..
- ✓ Define Justiça como “Retidão de vontade preservada em razão de si mesma”.
- ✓ Para Anselmo a Liberdade de escolha se revela idêntica à capacidade de justiça, por isso, a capacidade de pecar, quando acrescentada à vontade, diminui a liberdade.
- ✓ Logo, o poder de pecar não é nem liberdade nem uma parte da liberdade.

10. O Argumento Contra o Milagre, de Humes.

- ✓ “Um milagre é uma violação das leis da natureza, e na medida em que uma experiência firme e inalterável estabeleceu estas leis, a prova contra o milagre, pela própria natureza do fato, é tão completa quanto qualquer argumento baseado na experiência que se possa imaginar”.
- ✓ Não se pode encontrar em toda história, nenhum milagre atestado por um número suficiente de homens de tão inquestionável bom-senso, educação e instrução, que afaste qualquer possibilidade de logro. A paixão da surpresa e da admiração que vem dos milagres, sendo uma emoção agradável, gera uma tendência sensível à crença nesses eventos.

11. O Dilema de Eutífron

- ✓ Deus, mesmo que exista, não funciona como o fundamento da ética, cumprindo, no máximo, uma função consultiva.
- ✓ O Dilema: “Deus ordena alguma coisa porque ela é moral ou ela é moral porque Deus ordena?”
- ✓ No 1º caso, Deus é supérfluo para a moralidade. As coisas são morais ou não, independente de Deus.
- ✓ No 2º caso, a moralidade é vazia e tudo tem o mesmo valor. É Deus que decide o que é ou não moral.

12. A Morte de Deus, de Nietzsche

- ✓ Segundo Nietzsche, a importância da verdade é metafórica e não racional: a nossa compreensão do mundo é sempre limitada por nossa perspectiva, que autoriza nossa compreensão bem antes de construirmos uma justificativa lógica para ela.
- ✓ Pra quê Ciência? Pra quê Moral? Se a vida, natureza e as histórias são “Amorais”?
- ✓ O Argumento: “ Se aceitarmos algo como um princípio de vida, ele deve ser racional, verdadeiro e/ou digno de crédito. Se a crença no Deus cristão perdeu o crédito, não pode ser um princípio de vida, logo, não é racional, verdadeira ou digna de crédito. Portanto, não devemos aceitar Deus como um Princípio Organizacional de nossas vidas. Se a Moral, a Ciência e a Fé contêm suposições, então estas afetarão os resultados de nossa investigação. Se as 3 contêm o mesmo pressuposto, a “Vontade da Verdade”, do “Sim” antecipado. Se a “Vontade da Verdade” é essencial ao nosso entendimento, então teremos uma razão para segui-la.
- ✓ Mas a “Vontade da Verdade” não é essencial ao nosso entendimento, logo, não teremos razões morais ou utilitárias para segui-la. Portanto, nossas razões devem ser outras, ou seja, não são morais ou utilitárias. Neste caso, a “Vontade da Verdade” não pode ser racional, verdadeira ou digna de crédito.
- ✓ Com isso, iguala-se em descrédito a ciência, a moralidade e a religião. Todas são desnecessárias.
- ✓ Afinal, se Deus deixou de ser crível, nossa fé na divindade da verdade também está em questão. É isto o que a Morte de Deus significa.
- ✓ “A Verdade é um mero disfarce para a expressão do nosso poder”. A “Vontade da Verdade” é um meio para limitar a nossa expressão desse poder.

13. A Navalha de Ockham

Não deve ser considerado um argumento, mas um princípio, de onde podem surgir outros argumentos.

- ✓ Entidades não são multiplicadas sem necessidade.
- ✓ Entre duas teorias igualmente factíveis, escolha a mais simples e concisa, com menos entidades.
- ✓ Alguns acham que devemos chegar ao ponto de negar qualquer entidade que não seja necessária para explicar alguma coisa, mas seria um equívoco, sob vários aspectos.
- ✓ Ockham nunca negou entidades desnecessárias, só colocou-as em dúvida.
- ✓ Também não é dele a ideia “que não devemos acreditar em coisas sem uma boa razão”.
- ✓ A pluralidade não deve ser postulada sem necessidade.
- ✓ Segundo Ockham temos três fontes de conhecimento:
 - a. Auto Evidência – Sabido por meio de si mesmo.
 - b. Evidência Empírica – Sabido por experiência
 - c. Revelação Bíblica – Provado por autoridade das Escrituras Sagradas.
- ✓ Mesmo que um objeto “X” possa existir, não deve ser considerado se sua existência não é auto evidente, se não temos evidências empíricas de sua existência e nem ela é requerida pela bíblia.

14. A Refutação da Mudança, de Parmênides

- ✓ Pretende mostrar a impossibilidade da mudança, pois envolve destruição ou criação, na medida em que um item vai do “Ser” ao “Não Ser” ou vice-versa.
- ✓ Não existiria contradição no item “Ser” e “Não Ser”, desde que “fosse” no presente e “não fosse” no futuro, ou vice-versa.
- ✓ Isto transfere a contradição inerente ao fato, para a responsabilidade do tempo.
- ✓ A solução de Parmênides é negar a realidade tanto da mudança quanto da passagem do tempo.

15. O Argumento Contra a Realidade do Tempo, de McTaggart

- ✓ Há duas maneiras de caracterizar os momentos e os acontecimentos no tempo:
 - a. Série A: Passados, Presentes e Futuros → Transitórias
 - b. Série B: Antes, Durante e Depois → Permanentes

VER PÁGINA 87

16. O Argumento Magistral a Favor do Idealismo, de Berkeley

- ✓ Segundo Berkeley, Idealismo Metafísico → Tudo o que existe é composto de pensamento, mente ou Deus.
- ✓ Pensamento X Matéria, ou seja, acreditar na matéria é irracional, ou ininteligível.
- ✓ Matéria existe independente do pensamento.
- ✓ Matéria → Possui somente qualidades primárias (Massa, tamanho, movimento etc) – Inerte e insensível.
- ✓ O Argumento:

Se objetos materiais existem, existem independentemente de qualquer mente pensar sobre eles. Logo, é concebível que objetos existam sem que mente alguma pense sobre eles. Não é o caso que seja concebível que objetos materiais existam sem que mente alguma pense sobre eles. Logo, não é o caso que objetos materiais existam independentemente de qualquer mente pensar sobre eles. Portanto não é o caso que objetos materiais existam. ?????

17. A refutação do Idealismo, de Kant

- ✓ Tenho autoconsciência, por isso faço julgamentos sobre a ordem temporal dos meus próprios estados mentais.
- ✓ A forma e o conteúdo de meus estados mentais não me permitem ordenar meus estados mentais. Logo, se tenho autoconsciência, então há algo distinto dos meus estados mentais a que suas mudanças

podem ser referidas e sua ordem assim determinada. Então, os objetos da experiência existem fora de mim, devendo também existir no espaço.

25. A. O Argumento “A Morte não é Nada pra Nós”, de Epicuro

“A morte nada é para nós, pois quando somos, a morte ainda não veio e quando a morte vem, já não somos / estamos mais” → Medo da Morte é diferente de Medo de Morrer.

Morte: Evento de perder a vida, que existe durante somente um instante.

- ✓ Na verdade, o que nos assombra é o modo da morte chegar, o nosso “morrer”.
- ✓ A Morte, por si só, preocupa os crentes pelo porvir.

25. B. O Argumento da Simetria, de Lucrecio

- ✓ Tal Argumento surgiu com Epicuro, mas ficou famoso com Lucrecio.
- ✓ São similares os tempos antes do nascimento e após a morte.
- ✓ Seriam a “Não Existência”.
- ✓ Devemos atentar que tal argumento se esquece que antes do nascimento não tínhamos a vida, vida que perdemos após a morte. Logo, nascimento e morte não podem ser comparados.

28. Monismo Lógico

- ✓ É a visão de que há apenas uma Lógica correta, ou, apenas uma relação de consequências genuínas, apenas uma resposta certa à pergunta relativa.
- ✓ Se um Argumento é válido, apenas há uma coleção de inferências (Verdades Lógica) válidas, apenas uma maneira certa de raciocinar: Argumentos → Inferências → Avaliação.
- ✓ Uma inferência é válida, se e somente se, suas premissas forem verdadeiras.
- ✓ O que se discute é: haveria inferências válidas em TODOS os casos? Ou só para alguns tipos?
- ✓ Discute-se também o número mínimo de inferências válidas, para validar o argumento como verdadeiro, para que pudesse ser chamado de “Lógica”.
- ✓ No entanto, quanto maior o nº de inferências válidas, mais provável é que não se sustente em todos os casos.

30. Argumento a Favor do Livre-Arbítrio

- ✓ Se somos moralmente responsáveis, temos Livre-Arbítrio.
- ✓ Penso (HPMJ) que ser totalmente livre indicaria que temos Livre-Arbítrio. Nesse caso só poderíamos experienciar o Livre-Arbítrio se não existisse lei ou religião. Somente nossa responsabilidade moral. Mas se não existisse nem Lei (Deveres Sociais), nem religião (Deveres Espirituais), de onde viriam nossos Deveres Morais?.
- ✓ Logo, concluo, que não existe Livre-Arbítrio, pois o simples fato de existir um arbitrio, já não te faz totalmente livre, ou seja, o Livre-Arbítrio é, por si só, um paradoxo.

31. PPA – Princípio de Possibilidades Alternativas

- ✓ Uma pessoa é moralmente responsável pelo que faz só se puder agir de modo diferente – Concordam Aristóteles, Hume, Kant e outros vários.

32. Argumento da Consequência Contra o Compatibilismo

Compatibilismo → Nossas ações podem ser totalmente determinadas pelas leis da física e ao mesmo tempo poderíamos ter livre-arbítrio no sentido necessário para a responsabilidade moral.

Se o Determinismo é verdadeiro, então nossas ações são consequências das leis da natureza e dos acontecimentos do passado remoto, onde ambos não nos competem. Logo, suas consequências também não.

Portanto nossos atos não nos competem.

33. Fatalismo

- ✓ Tudo o que acontece o faz necessariamente e inevitavelmente.

34. O Argumento a Favor da Liberdade, de Sartre

- ✓ Trata a liberdade como característica essencial da consciência humana e não como uma propriedade desta.
- ✓ A consciência não tem propriedade alguma, nada mais é que a relação com as coisas existentes, definindo sua significância. Há que haver uma interpretação da realidade para que essa tenha alguma significância.
- ✓ Todo sentido deriva da interpretação do agente. Deste modo o homem está fadado à liberdade.
- ✓ Para que algo funcione como causa, 1º eu tenho que dar um certo sentido a este algo. Logo, eu sou a fonte e sua eficácia causal.
- ✓ *Assim o é, se assim lhe parece. O mundo é aquilo que o homem percebe e interpreta (HPMJ).*
- ✓ O Determinismo exige que a natureza e o poder avassalador da causa existam por si só, independente da relação causa-efeito com o homem.
- ✓ Uma vez que essa condição necessária do Determinismo nunca é satisfeita pela consciência, torna-se o Determinismo inaplicável ao homem e sua consciência.
- ✓ *Toda experiência vem da conscientização do homem relativa a um fato. A consciência é livre, não pode ser tocada. O homem é totalmente livre (HPMJ).*

35. Argumentos dos “Cogito”, de Descartes e Agostinho

- ✓ *O autor se enganou???* (HPMJ)
- ✓ *O pensar de Descartes garante que Descartes existe* (HPMJ).
- ✓ *O “Logo” liga o EU PENSO ao EXISTIR* (HPMJ).
- ✓ *Eu sou os meus sentidos e o que interpreto deles* (HPMJ).
- ✓ Me persuadi de que nada existia no mundo, até eu mesmo, mas se me persuadi, EXISTO.
- ✓ Se há um demônio que me engana o tempo todo, sou enganado. Então, SOU. Logo, não posso nada ser.

Agostinho: Se me engano, existo...

- ✓ Precede Descartes em 1.200 anos (Cogito, ergo sum).
- ✓ “Se me engano, existo”, mas posso me enganar sobre minha própria existência? Quam não existe não se engana. Me enganar sobre minha própria existência é um PARADOXO. Logo, existo, com certeza.
- ✓ Posso sim considerar minha própria existência ou inexistência. Isso prova meu existir (HPMJ).

36. O Argumento Cartesiano do Sonho a Favor do Ceticismo diante do Mundo Externo

- ✓ É um Argumento Epistemológico, de um modo cético.
- ✓ Contesta a tese de que as pessoas conseguem ter algum conhecimento de um mundo físico, incluindo seus próprios aspectos físicos.
- ✓ Há uma versão anterior deste Argumento apresentada por Sócrates, em TEETETO, de Platão (158 A.C.) mas a versão influente é a de Descartes – 1641.
- ✓ Tal argumento sugere a possibilidade de as pessoas viverem apenas como coisas pensantes, em seus mundos interiores de pensamentos e “aparentes” sensações, sem saber se além disso há realmente um mundo físico.
- ✓ O sonho nos engana, nos impressionando como sendo um tipo de experiência vivida real. O que não é. Se não temos como saber se o ocorrido no sonho está realmente ocorrendo, como saber se o que eu estou vivendo agora não é um sonho? O mundo físico é realmente como nos parece ser? A conclusão cética, é que não sabemos, mesmo que tudo nos pareça real e normal.
- ✓ Parece que tudo que temos para obter conhecimento são nossas 5 sensações, mas se elas podem ser enganadas nos sonhos, podemos confiar nelas?

37. O Argumento da Transparência da Experiência

- ✓ É um dos principais Argumentos da Filosofia da Percepção e na Epistemologia foi canonicamente apresentada por G.E.Moore.
- ✓ Contesta a tese de que, quando temos sensações, estamos diretamente conscientes dos aspectos das sensações ou experiências.
- ✓ O que está Epistemologicamente disponível quando temos sensações? A transparência da experiência.
- ✓ Não conseguimos introspectar uma sensação de cor, por exemplo, mas somente a cor em si. A consciência da cor nos foge, não conseguimos percebê-la. Só temos a sensação em si, não conseguindo alcançar a consciência da sensação da cor. Não há, portanto, intermediários perceptuais.
- ✓ Não se consegue perceber os aspectos da sensação, mas só a sensação em si.
- ✓ Não temos a compreensão dos conteúdos das sensações.

38. O Argumento do Regresso a Favor do Ceticismo

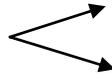
- ✓ Sempre podemos fazer uma outra pergunta para saber da verdade → por quê?
E isto vai longe, é o problema do regresso, pois requer uma exigência: para sustentar razoavelmente uma convicção, você tem de ser capaz de responder satisfatoriamente uma pergunta “Por quê?” com outra convicção ou grupo de convicções razoavelmente sustentadas. O regresso existe pois cada resposta deve estar satisfatória e justificadamente sustentada, ou seja, embasada em algo, que pode ser buscada por outro “Por quê?”.
Levar isto ao infinito, uma das possibilidades, é cansativo e inviável, daí surge o ceticismo quanto a se sabemos realmente o que estamos afirmando; uma vez que paramos de dar sustentações às perguntas “Por Quê?”, ou, às nossas alegações.
- ✓ Sexto Empírico formulou classicamente tal problema do Regresso, em “Esboços Pirrônicos”, como a coordenação de 5 modos, ou estratégias, de Argumento Cético:
 - a. Relatividade
 - b. Disputa
Modos materiais ⇒ Desafiam quem acredita em alguma coisa a defendê-la
Para que nosso Argumento continue, e prossigamos defendendo nossa convicção, temos 3 possibilidades:
 - c. Regresso Vicioso ⇒ Eternos “Por Quês?” (Impossível) → Suspensão do julgamento
 - d. Círculo Vicioso ⇒ Quando a resposta é a própria pergunta (Reciprocidade). DerRva da relatividade, o objeto é relativo ao julgamento do sujeito, perde-se o julgamento de como o objeto é na realidade.
 - e. Asserção Dogmática Sem Sustentação ⇒ Hipótese ⇒ Ambos concordam com uma pressuposta verdade (dogma) e cessam a disputa.
- ✓ Em suma, a justificação plena é uma coisa que não podemos ter, sendo estruturalmente contestada, logo abandonamos o julgamento sobre nossas convicções. Daí, o Ceticismo geral sobre o conhecimento.
- ✓ O Princípio da Justificação Inferencial é uma coisa que acompanha o convicto responsável. Se você acredita em alguma coisa, deve ser capaz de explicar por que, ou seja, apresentar uma razão que conte a favor da verdade de sua convicção. Você é responsável por suas crenças.
- ✓ É dessa premissa de seguidas justificativas que surge o Trilema:
 - a. Cessa por uma convicção sem sustentação, por abandono ou concordância da premissa por ambas as partes (Tipo: $2 + 2 = 4$)
 - b. Volta em círculo sobre si mesma.
 - c. Continua até o infinito, ou ser capaz de produzir justificativas enquanto houver necessidade.
- ✓ Apesar de cada premissa do Argumento ser atraente, o conjunto leva à conclusão de que não temos, realmente, justificativa alguma para nenhuma de nossas convicções.

39. Os Argumentos Anti-Céticos, de Moore

- ✓ O Ceticismo acerca do mundo externo – Não sabemos se existe alguma coisa fora de nossa mente (Questão central de Epistemologia).

Alegações de senso comum (Mais seguras que o Ceticismo)
Ex. “Isto é um lápis”.

Argumentos de Moore



Citações de coisas do mundo físico que
Ninguém duvida que exista.

- ✓ O Cético supõe que proposições do tipo “Isto é um lápis” são falsas, mas se uma proposição A é mais evidente que uma proposição B, B não pode provar a falsidade de A.
- ✓ “Sei que isto é um lápis” é mais verdadeiro que as proposições céticas. Logo, tais proposições não podem provar a falsidade de “Sei que isto é um lápis”. Conclui-se que objetos externos existem.

40. O Paradoxo do Preconceito

- ✓ Argumento que rejeita ou revisa decisivamente as concepções cartesianas de Pura Objetividade e Imparcialidade.
- ✓ É um paradoxo pois parece exigir compromisso com a objetividade e com a relatividade ao mesmo tempo.
- ✓ As feministas rejeitam o conceito de objetividade imparcial. Ao mesmo tempo afirmam a realidade e a injustiça da opressão contra as mulheres.
- ✓ Acontece que, sem objetividade imparcial não podemos ter critérios normativos consistentes para avaliar convicções através de diferentes perspectivas epistêmicas.
- ✓ Isto seria um dilema: nego um método, mas sem ele não posso concluir nada sobre o que afirmo. Ou seja, ou se endossa a objetividade como base para avaliar o preconceito, ou paramos de criticar o preconceito, paramos de distinguir entre preconceitos “bons” e “maus”, já que não haveria um padrão (Objetividade) para avaliar preconceitos concorrentes.
- ✓ Este dilema não se detém no feminismo. Pode ser usado para qualquer visão que rejeite os ideais cartesianos de objetividade e neutralidade de valor e que acabará por ter que decidir um Relativismo Vale-Tudo, pois não temos como vê-lo objetivamente.
- ✓ Obviamente ninguém quer adotar a segunda alternativa, de que qualquer alegação de conhecimento é tão válida quanto qualquer outra. Mas também negam que a pura “imparcialidade” possa ser alcançada. E agora?
- ✓ A imparcialidade parece ser preconceituosa, pois aponta o ponto de vista masculino e patriarcal, ou protege os que estão no Poder: Os Homens.
- ✓ Mas sem imparcialidade, como podemos objetar ao fato dos homens serem imparciais?
- ✓ Se todas as práticas epistêmicas são preconceituosas, como podem haver critérios imparciais para avaliar o valor epistêmico do preconceito? Logo, todos os preconceitos são iguais, pois não podem ser imparcialmente julgados.

41. O Argumento Contra a Definição Tradicionais de Conhecimento, de Gettier (1963)

- ✓ Seu objetivo é mostrar que o conceito de Conhecimento não pode ser definido como “Crença Variada Justificada”.
- ✓ A definição diz que não é possível que alguém tenha uma crença verdadeira justificada que não seja conhecimento. Gettier discorda e argumenta contra.
- ✓ Gettier apresenta um exemplo de um caso de crença justificada e verdadeira que não se traduz em conhecimento. “A” tem um Ford.
 - a. “A” diz a “B” que tem um Ford.
 - b. Leva “B” para passear no Ford e mostra os documentos.
 - c. “B” acredita. Logo é uma crença justificada, mas será verdadeira?
 - d. Um dia, estando ambos na sala, “B” afirma que alguém naquela sala tem um Ford.

- e. Acontece que “A” não tem um Ford, enganou “B”. Logo, a afirmação de “B” é justificada, mas falsa. Então não é conhecimento.
- f. Mas na mesma sala está o Sr. “C”, que tem um Ford, mas “B” não conhece “C” e nem sabe de sua propriedade de um Ford.
- g. Neste caso, a afirmação de “B” agora é justificada e verdadeira, mas verdadeira **por acidente** pois quem tem o Ford não é “A” como pensava, mas “C” que nem sabia.
- h. Desta forma, mesmo a afirmação de “B” ser justificada e verdadeira, não implica CONHECIMENTO.
- i. Logo, a definição de conhecimento está falsa, ou incompleta.
 - i. Obs. A crença é justificada se ela dá evidências ou boas razões para se acreditar que é verdadeira, ou que pode ser verdadeira. Não garante, porém, que é verdadeira, somente justifica a crença do indivíduo.

42. O Argumento Contra o Imperialismo Cultural, de Putnam

- ✓ Segundo Putnam:



- ✓ O Relativismo Cultural e o Imperialismo Cultural rompem tal equilíbrio, tendendo à imanência.
- ✓ Ele dá como exemplo: “Um enunciado só é verdadeiro se for afirmável pelas normas da cultura europeia ou americana”.
 - a. Como as normas culturais europeia e americana permitem que as pessoas discordem sobre o que quiserem, a definição acima, se for verdadeira, se torna falsa e vice-versa.
- ✓ Ou seja, se a verdade depende de um padrão cultural, e se este padrão cultural é questionar a verdade, temos a IMANÊNCIA e a TRANSCENDÊNCIA trabalhando uma contra a outra. Não podem estar no mesmo enunciado.

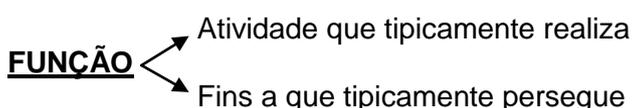
51. A Justiça traz a Felicidade, na “República” de Platão

- ✓ As grandes perguntas: Como devemos viver? & Qual o melhor tipo de vida?
- ✓ Por que devemos ter uma vida justa se os maus parecem se sair melhor?
 - a. Principal alegação: “A justiça é uma virtude que traz felicidade”.
- ✓ Dois itens estranhos na República, de Platão: HPMJ
 - a. A atividade da alma é viver. HPMJ
 - b. A justiça é a virtude da alma. HPMJ
- ✓ Logo, o homem justo vive em plenitude, logo, vive bem, vive feliz.

Ao introduzir uma variedade de impulsos à alma, ela passa a ser responsável por várias coisas e, para ser plena e realizada, tem de ter maestria em todas estas coisas. A justiça é uma destas coisas. Logo, a alma para ser plena e realizada, tem que ser plena e realizada na justiça. O justo é pleno e realizado.

52. O Argumento da Função, de Aristóteles

- ✓ **Função** → Atividade característica de cada coisa.
- ✓ Função do pulmão: troca gasosa no sangue, CO² por O².
- ✓ A felicidade é o bem supremo que buscamos, a razão suprema de outras escolhas e cuja escolha não se deve a nenhuma outra coisa.
- ✓ Como alcançar tal felicidade? Sendo virtuoso.
- ✓ É feliz quem consegue exercer plenamente sua FUNÇÃO.



- ✓ Uma coisa é **Boa** quando realiza bem sua **Função**.
- ✓ **Virtude** ou **Excelência** são condições para esta boa realização de sua função.
 - a. Virtude da faca: Amolação, para cortar bem: sua função.
- ✓ Para Aristóteles, a função da alma humana é racionalizar. Logo, o homem mais feliz é o mais racional.
- ✓ Outros filósofos discordam de Aristóteles: a racionalidade não é função do homem, ou o homem teria outras funções mais. Seria mais complexo.

53. Argumento Os Bons são Irredutíveis, de Aristóteles

- ✓ O “Bem” significa coisas, em todas as categorias do Ser. Logo, “O Bem” não é uma única coisa.

54. O Argumento a Favor do Perfeccionismo, de Aristóteles

- ✓ A melhor vida possível para o homem é o exercício constante da virtude moral e intelectual ⇒ Perfeccionismo. E não seria a vida de prazeres, honra, fortuna e divertimento.
- ✓ O “Bem” supremo da humanidade é atingir seu “Propósito Supremo”, sua “Causa Final” – Visão teleológica.
- ✓ O que seria então o BEM SUPREMO? A Vida Virtuosa?
 - a. Tem que ser desejado como um fim em si mesmo e não como um meio para outro Bem.
 - b. Tem que ser suficiente em si mesmo para tornar a vida boa.
- ✓ Prazer, fortuna, honra, alegria, são desejadas por si mesmas, mas para alcançar o “Bem Supremo” que seria uma vida feliz, uma vida plena. E nunca o vice-versa.

60. O Argumento da Questão em Aberto, de Moore

- ✓ **Metaética** → Ramo da Teoria Ética. Análise de termos e conceitos centrais da Ética – Dever, bem etc.
- ✓ Quando temos uma propriedade simples, não analisável, ela se torna indefinível (Amarelo, bom etc).
- ✓ Quando tentamos definir “Bondade” tendemos a atribuir a alguma coisa, mas não a conseguimos definir.
- ✓ “**Questão em Aberto**” seria então a definição correta de um termo que não pode ser reenunciado como questão sem revelar incompetência conceitual.
- ✓ Por isso retornamos aos conceitos enunciados com perguntas significativas “Bom é agradável – “Bom é agradável?”
- ✓ Não conseguimos explicar o que é amarelo para quem nunca viu. É um conceito simples, só dando exemplos ou atribuições do amarelo, nunca definindo-o, pois é uma propriedade simples, primitiva.